

**Contribuinte n.º 502265094**  
**Depósito legal n.º 45458/91**  
**Registo ERC n.º 114410**  
**Conselho de Administração**  
**Presidente:** Ângelo Paupério  
**Vogais:** António Lobo Xavier,  
 Cláudia Azevedo, Cristina Soares,  
 Luís Filipe Reis, Miguel Almeida,  
 Pedro Nunes Pedro  
**E-mail** publico@publico.pt  
**Lisboa** Rua de Viriato, 13 - 1069-315  
 Lisboa; Telef.: 21011000 (PPCA);

Fax: Dir. Empresa 21011015; Dir.  
 Editorial 21011006; Agenda  
 21011007; Redacção 21011008;  
 Publicidade 21011013/21011014  
**Porto** Praça do Coronel Pacheco,  
 n.º 2, 4050-453 Porto; Telef.:  
 226151000 (PPCA) / 226103214; Fax:  
 Redacção 226151099 / 226102213;  
 Publicidade, Distribuição 226151011  
**Madeira** Telef.: 934250100; Fax:  
 707100049 **Proprietário** PÚBLICO,  
 Comunicação Social, SA. Sede: Lugar

do Espido, Via Norte, Maia. Capital  
 Social €50.000.00. Detentor de mais  
 de 10% do capital: Sonae Telecom,  
 BV **Impressão** Unipress, Travessa  
 de Anselmo Braancamp, 220, 4410-  
 350 Arcozelo, Valadares; Telef.:  
 227537030; Lisgráfica - Impressão  
 e Artes Gráficas, SA, Estrada  
 Consiglieri Pedroso, 90, Queluz  
 de Baixo, 2730-053 Barcarena.  
 Telef.: 214345400 **Distribuição**  
 Logista Portugal - Distribuição

de Publicações, SA; Lisboa; Telef.:  
 219267800; Fax: 219267866; Porto:  
 Telef.: 227169600/L. Fax: 227162123;  
 Algarve; Telef.: 289363380; Fax:  
 289363388; Coimbra; Telef.:  
 239980350; Fax: 239983605.  
**Assinaturas** 808200095  
 Tiragem média total de Dezembro  
**43.909 exemplares**  
**Membro da APCT - Associação**  
**Portuguesa do Controlo de**  
**Tiragem**

## Tribuna Manifesto internacional

# O despertar de uma nova geração de europeus

**É** agora, e não daqui a dez anos, que o destino de 500 milhões de europeus e o modelo das nossas sociedades no futuro está em jogo. Teremos nós, europeus, a coragem, a determinação e a energia para tornar a Europa num grande poder democrático? Este é o desafio que enfrentamos, num mundo em reconfiguração cada vez mais célere.

Numa década, os países ocidentais perderam a liderança do processo de globalização. Surgiram novas interdependências globais num mundo em mutação, onde poderes emergentes, nalguns casos federações com a dimensão de continentes, alteraram o equilíbrio de poderes global. É a emergência de um mundo novo. Com ele chegou uma nova geração de europeus, consciente da necessidade de repensar em conjunto o futuro e os interesses gerais da Europa.

Provaremos nós, europeus, que povos vizinhos, partilhando os mesmos valores basilares, se conseguem reinventar e entender a sua unidade de forma democrática, para encontrar uma saída para a crise?

Encontraremos formas de assegurar que o capitalismo serve a sociedade em geral? Seremos capazes de reinventar as nossas capacidades de produção com inovação, de encarar os desafios das alterações climáticas e do desenvolvimento sustentável, de reinventar a sociedade, de modo a nunca prescindir de todas as gerações, ao longo da sua vida? Seremos bem-sucedidos em associar os jovens, a cultura e o conhecimento ao coração do nosso projeto europeu? Seria um grande feito: nada menos do que uma nova visão da Europa e do mundo.

Para enfrentarmos estes desafios históricos, precisamos, em primeiro lugar, de lidar com uma emergência: encontrar uma solução sustentada para a crise que o Velho Continente defronta, que aniquila a confiança, alimenta o populismo e ameaça sessenta extraordinários anos de integração europeia. Esta crise realça bem a inadequação do sistema intergovernamental europeu de tomada de decisão, bem como o seu estado de impreparação. Realça também a enorme falta de visão comum e de liderança dos decisores europeus. É imperioso criar uma nova soberania conjunta – desta vez colectiva – que devolva crédito à acção política.

Para que tal seja possível, teremos de assumir rapi-



**Chegou o momento  
de redesenhar  
a democracia  
europeia e  
de envolver os diversos  
povos e cidadãos  
nesse projecto**

damente a necessidade de um governo para a zona euro, composto por todos os países interessados em dela fazer parte: um governo que não se limite a monitorizar os orçamentos nacionais, mas tenha a ambição específica de fazer convergir as políticas fiscais e sociais; um governo orientado para o crescimento, a inovação e o emprego, e com uma capacidade genuína de investimento. Esse governo deveria definir em conjunto e dar origem a uma federação europeia, que incluiria, no momento certo, todos os Estados-membros preparados para tal. Naturalmente, um governo desta natureza deveria ser controlado e eleito democraticamente. No curto prazo, sugerimos uma associação activa entre o Parlamento Europeu, a Comissão Europeia e os Parlamentos nacionais, tendo todos os Estados-membros um estatuto idêntico no enfrentar da actual crise.

Para além desta emergência, chegou o momento de redesenhar a democracia europeia e de envolver os diversos povos e cidadãos nesse projecto. A civilização europeia está na origem do “Estado-Nação”, da república, da co-opeção intergovernamental institucionalizada. Chegou agora o momento de criar uma democracia europeia transnacional, assente na diversidade das nossas culturas e nas diferenças individuais de cada Estado-membro. Nos diversos países europeus, levantam-se vozes cépticas relativamente à adequabilidade dos nossos actuais

modelos. Hoje, os europeus estão prontos para escrever uma nova página da sua história, com optimismo, e para promover um debate sobre a criação de um espaço político genuíno, que coloque as pessoas no seu centro e o capitalismo no caminho certo.

Desejamos que as próximas eleições europeias constituam a oportunidade para eleger uma assembleia constituinte, que dê à União Europeia uma nova lei fundamental. Estas eleições também deveriam ser a ocasião para todos os partidos europeus apresentarem o seu candidato à presidência da Comissão Europeia. A Lei Fundamental Europeia deveria tornar-se efectiva apenas nos países que livremente decidissem ratificá-la, rumo a uma Europa federal. Nestas condições, o projecto europeu seria uma nova fonte de inspiração, não apenas para os nossos cidadãos, mas também para o resto do mundo.

Por fim, apelamos a todos os que partilhem o nosso compromisso para que se juntem a nós, divulgando este manifesto.

Lista de signatários, provenientes de treze países membros da União Europeia, todos com menos de 40 anos de idade e membros da rede “40 under 40” (<http://40under40.eu/>): **Dragos Biltzeu**, empreendedor (Roménia); **Franziska Brantner**, membro do Parlamento Europeu (Alemanha); **Geert Cami**, director e co-fundador da Friends of Europe (Bélgica); **Cynthia Fleury**, filósofa (França); **Alessandro Giaccone**, historiador (Itália); **Nathalie Furrer**, directora executiva da Friends of Europe (Suíça); **Pauline Gessant**, presidente da Young European Federalists (França); **Sandro Gozi**, deputado italiano, ex-conselheiro de Romano Prodi (Itália); **Ulrike Guérot**, directora do ECFR (Alemanha); **Thomas Klau**, jornalista (Alemanha); **Guillaume Klossa**, presidente da EuropaNova (França); **Thomas Houdaille**, secretário-geral da EuropaNova (França); **Christian Mandl**, empreendedor, fundador da Sky Europe (Austria); **João Wengorovius Meneses**, coordenador do GABIP Mouraria na Câmara Municipal de Lisboa e professor no ISCTE-JUL (Portugal); **Martin Ott**, empreendedor (Alemanha); **Lindsey Nefesh-Clark**, fundador da NGO (Reino Unido); **Thomas Philippon**, economista (França); **Aziz Senni**, empreendedor (França); **Peter Sandor**, funcionário público (Hungria); **Christophe Schramm**, funcionário público (Alemanha); **Andreas Schwab**, membro do Parlamento Europeu (Alemanha); **Farid Tabarki**, empreendedor e activista (Holanda); **Cédric Villani**, matemático, galardoado com a Fields Medal (França); **Jon Worth**, blogger europeu (Reino Unido); **Riccardo Maraga**, presidente da Câmara de Amalia (Itália); **Souad Mekhnenet**, jornalista (Alemanha); **Benedek Javor**, deputado (Hungria); **Vessela Tcherneva**, conselheira do ministro dos Negócios Estrangeiros (Bulgária); **Krzysztof Candrowicz**, director da Lodz Art Centre (Polónia); **Elena Fenili**, responsável de Estudos Políticos da Uni-Credit (Itália); **Raffaele Mauro**, empreendedor (Itália); **Léo Caillard**, fotógrafo (França); **Jens Spahn**, deputado (Alemanha)

## Debate Serviço Nacional de Saúde

# SNS no código genético do Partido Socialista

**F**oram recentemente tornadas públicas declarações de António Arnaut, ilustre socialista e fundador do Serviço Nacional de Saúde, que depreciam a acção política do PS em defesa do SNS. Tais declarações expressam uma apreciação injusta.

Sob a coordenação do deputado António Serrano e em resultado do trabalho desenvolvido pela equipa criada em matéria de saúde e pelos deputados, foram realizadas várias iniciativas.

Em 23 de Setembro, na Assembleia da República, o PS insurgiu-se contra o anúncio do corte brutal previsto no Orçamento do Estado para a Saúde e, em particular, contra o corte destinado aos serviços de Transplantes. Ao mesmo tempo, foi feito o balanço dos últimos 32 anos do SNS, tendo ficado clara a responsabilidade deste Governo pelo seu desmantelamento, agora em curso.

O PS tem vindo a denunciar a intenção do Governo em aumentar as taxas moderadoras, opondo-se claramente à sua concretização.

Na Assembleia da República, o PS, depois de ouvidas as organizações profissionais, apresentou um projecto de lei sobre a prescrição de medicamentos por DCI, o qual, tendo sido aprovado na generalidade, poderá vir a contribuir deci-



**Álvaro Beleza**  
Secretariado nacional do PS, médico do SNS desde 1988, em exclusividade

sivamente para a redução da despesa em medicamentos.

O PS apresentou ainda um projecto de lei equilibrado e cientificamente fundamentado sobre a Procriação Medicamente Assistida.

Em Novembro, o PS organizou um grande debate sobre o OE e o SNS, no qual participaram associações de doentes, ordens profissionais, sindicatos, a Associação Nacional de Farmácias e a Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica, bem como outros especialistas, quer da área política do PS, quer independentes.

Dezembro de 2011 foi dedicado ao SNS, numa iniciativa que contemplou a visita dos deputados a unidades de saúde de cada distrito.

O PS formulou mais de uma dezena de perguntas ao Governo sobre medidas previstas e em curso no sector. Solicitou a presença de diversas entidades na comissão de saúde. Participou em fóruns e debates organizados pela imprensa.

O PS foi o primeiro a denunciar a ocupação das administrações hospitalares por pessoas ligadas ao PSD e CDS e, com isso, o incumprimento da medida contida no memorando da *troika* no que se refere à necessidade de adoptar um sistema transparente de nomeações para os hospitais.

O PS denunciou a ausência de um plano integrado e coerente para a redução das gorduras no sector e propôs alternativas, em particular ao nível da organização da rede hospitalar, da adopção de instrumentos de gestão e da qualificação das equipas encarregadas da boa gestão dos dinheiros públicos.

Sob a liderança de António José Seguro, o Partido Socialista nunca deixou, nem deixará, de honrar o seu património político. O SNS é uma das mais bem sucedidas obras políticas do PS e será sempre por nós defendida através de posições claras e de oposição, com responsabilidade e verdade. Com a Saúde dos portugueses não se brinca.

O PS nunca proporá aos portugueses o que não puder cumprir. Não contem por isso com demagogia fácil, mas sim com medidas concretas que dêem sustentabilidade ao SNS, ouvindo os profissionais do sector, os obreiros diários dos serviços de saúde, as associações de doentes e de cidadãos. É deles o SNS. Foi criado para servir os portugueses, todos sem excepção, porque as pessoas estão primeiro.

Ao camarada António Arnaut, um grande bem-haja pelo legado que nos deixou e a garantia de que o novo ciclo agora em curso o honrará.